



Eu conto

Tu

contas

Nós

contamos

**Atividades de leitura de contos
literários**

Jociele Barcelos Corrêa

**Supervisão técnica: Prof^o Dr. Moacir Lopes de
Camargos**



“Afinal, construímos o mundo com palavras e, para quem sabe ler, todo texto é uma letra com a qual escrevemos o que vivemos e o que queremos viver, o que somos e o que queremos ser” (COSSON, 2010, p. 67)



SUMÁRIO

1 DIÁLOGO INICIAL 03

2 DIÁLOGOS COM A TEORIA..... 04

3 MEDIAÇÃO E ATIVIDADES..... 07

REFERÊNCIAS..... 14

ANEXOS..... 15



1 DIÁLOGO INICIAL

Querido (a) colega,

Esta proposta pedagógica foi elaborada com o propósito fomentar o processo de formação do leitor literário nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental. São atividades que visam propiciar uma experiência de leitura crítica e reflexiva de contos literários.

A sugestão é de que você, professor (a), repense as atividades e os contos selecionados – para mudá-los ou não – a partir da sua realidade de sala de aula e de acordo com as necessidades de seus alunos. A intenção desta proposta é ser uma referência de atividades. O objetivo não é apresentar um modelo pronto a ser seguido, pois cada contexto de sala de aula tem suas peculiaridades e esses fatores podem ser determinantes para o sucesso ou não do trabalho.

A temática escolhida para a seleção dos textos foi o *espaço* enquanto constituinte identitário do sujeito. As leituras propostas possibilitam o transitar por realidades distintas no tempo e no espaço e, a partir disso, perceber como tudo se constrói através da linguagem.

2 DIÁLOGOS COM A TEORIA

Neste trabalho busco suporte teórico em Cosson (2017) quando este afirma que se baseia em Bakhtin (2011, 2014) e que compreende a leitura como produção de sentidos em um diálogo. O texto literário é parte desse ‘diálogo’, o texto não é o meio, mas o fim para representar a natureza humana do sujeito dentro de um contexto sócio histórico cultural e ideológico. Por meio do texto, o sujeito autor e o sujeito leitor se (re) constroem no diálogo através do texto que está inserido em um Discurso mais amplo.

Para Cosson (2017, p.35) “ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros”. E o autor Cosson (2017, p. 36) vai além, ao afirmar que esse diálogo com o passado “cria vínculos, estabelece laços entre o leitor e o mundo e os outros leitores”. A leitura é, portanto, um processo de produção de sentidos que engloba o leitor, o autor, o texto e o contexto. Esse é o conceito de leitura que estou utilizando como base conceitual neste trabalho¹. Delimitado o conceito de leitura, resta agora traçar teoricamente o que estou entendendo como ‘literatura’.

O vocábulo leitura e o vocábulo literatura são muito próximos graficamente, mas diferem conceitualmente. Para delimitar ambos conceitos se faz necessária uma reflexão ampla e coerente sobre linguagem. Candido (1995) em seu texto *O direito à literatura* apresenta um conceito amplo de literatura. Para Candido (1995, p. 176), a literatura está presente em “todas criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Na perspectiva do autor, a literatura é uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos e, assim sendo, não é possível viver sem ela, pois, segundo ele, não é possível viver sem alguma forma de fabulação. Essa visão mais ampla de literatura, nos mostra que seu papel não está atrelado apenas à escola. A escola, enquanto uma instituição formadora de leitores, é apenas uma instância social que leva ao sujeitos ao acesso à literatura.

A respeito da leitura literária, o autor destaca que esta não é uma leitura inofensiva, inocente, visto que o acesso à literatura é, também, um instrumento de empoderamento do sujeito. Segundo Candido (1995, p. 178), “ela (a literatura) tem papel formador de personalidade”. Para Candido (1995, p. 178, *grifo nosso*) “toda obra literária é antes de mais

¹ Cabe ressaltar que não é propósito deste trabalho esgotar a discussão conceitual dos termos, mas apontar brevemente as perspectivas teóricas que fundamentaram as atividades aqui apresentadas.

nada uma espécie de objeto, de objeto construído, e é grande o poder humanizador dessa construção, *enquanto construção*”.

Quer dizer, a obra literária suscita no leitor a reflexão, mas não apenas isso. Esse poder humanizador da literatura é descrito por Candido (1995, p. 182) como um processo que permite ao sujeito “a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”.

Candido (1995, p.182) destaca ainda que “as produções literárias, de todos os tipos e níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo”.

Cosson (2016) também atribui à literatura esse papel humanizador. Segundo ele:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2016, p. 17)

Teresa Colomer (2007) também discorre sobre o papel da literatura e o objetivo da educação literária. Segundo ela:

O objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*. (...) Em segundo lugar, o confronto entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade *social e cultural*, no momento em que têm início as grandes questões filosóficas propostas ao longo do tempo. (...) Em terceiro lugar, o ensino da literatura pode reformular a antiga justificativa sobre sua idoneidade na formação linguística. (COLOMER, 2007, p. 31-32, *grifo da autora*).

Vivemos atualmente sob um ideal pragmático de que tudo o que fazemos e ou aprendemos deve ter uma função prática. Talvez essa seja uma das razões pelas quais disciplinas que dão uma formação mais subjetiva e humanística vem sendo desprezadas ou consideradas menos importantes.

Neste trabalho, dialogo com os autores mencionados acima e assim como nos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul – Lições do Rio Grande (2009), estou pensando

o ensino de língua e literatura interligados, pois no ensino fundamental não há uma disciplina específica para a literatura, mas ambas têm como essência a linguagem.

Enquanto professora e pesquisadora me parece muito clara a importância do trabalho com texto literário nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental. Os referenciais teóricos Lições do Rio Grande e a BNCC corroboram com essa abordagem de que o ensino de língua deve sim caminhar de mãos dadas com o ensino de literatura. E que quanto antes iniciarmos o trabalho com os alunos a partir desse viés, melhores leitores teremos no futuro.



3 MEDIAÇÃO E ATIVIDADES

UNIDADE 1: Quem conta um conto...

AULA 1

DURAÇÃO: 45 minutos (1h/a)

LEITURA: *O conto se apresenta*,
de Moacyr Scliar.

ROTEIRO DA AULA:

Etapa 1: Escrever no quadro ‘Quem conta um conto...’ e perguntar para os alunos como termina esse provérbio popular. Comentar sobre a necessidade

humana de narrar... Relembrar os contos maravilhosos, antes chamados de ‘contos de fada’, comentar sobre o papel instrutivo que esses contos tinham... Perguntar aos alunos o que eles entendem por conto e, se surgirem diversas respostas, anotar as palavras-chave no quadro. Após as respostas dos alunos, explicar que a palavra ‘conto’ têm origem na palavra latina *contare*, que significa falar. Explicar que contos são narrativas curtas de fatos reais ou ficcionais (fantasiosos). São textos que geralmente possuem poucas personagens vivendo uma situação dramática em um tempo e um espaço limitado.

Etapa 2: Logo após a explanação, entregar o texto impresso *O conto se apresenta*, de Moacyr Scliar. Pedir aos alunos para fazer a leitura silenciosa do texto.

Etapa 3: Leitura oral. Perguntar se algum deles quer fazer a leitura do texto para a turma.

Etapa 4: Feita a leitura oral, colocar no quadro algumas perguntas para auxiliar o diálogo com os alunos São elas:

Quem é o narrador do texto? Ele participa da história?

O texto está narrado em qual pessoa verbal?

Existe um espaço delimitado onde se passa a história?

Quando acontece a história?

Quem são as personagens?

Sobre o que trata o enredo?

A linguagem do texto é formal ou informal?

Etapa 5: Responder oralmente as perguntas com os alunos, comentando cada tópico da estrutura da narrativa (narrador, espaço, tempo, personagens, enredo, linguagem...)

Etapa 6: Apresentar brevemente a biografia do autor Moacyr Scliar.

Etapa 7: Para o aluno responder no diário (em casa):

Quais contos você lembra de ter lido/ouvido quando criança?

Os seus pais costumavam ler histórias para você?
Você lia contos na escola? Se sim, quais?
Você lembra de algum conto que tinha sido especial para você? Se sim, comente sobre ele (personagens, local onde se passa a história, enredo...)
Você já pensou em contar histórias? Comente.

É provável que alguns alunos apenas respondam as perguntas com uma ou duas palavras (sim, não...). A intenção das perguntas é que eles comentem mais sobre o assunto, já que em sala de aula não são todos que se manifestam oralmente. Essa primeira escrita no diário servirá de termômetro para você sobre a escrita dos alunos. Talvez seja necessário que eles leiam alguns trechos de diários de leitura para se situar sobre o gênero e consigam escrever um comentário mais articulado.

ROTEIRO DA AULA

Etapa 1: Entregar cópias do texto aos alunos e pedir que eles façam uma leitura silenciosa.

Etapa 2: Fazer uma breve análise do conto explicando sobre a estrutura da narrativa, sobre os tipos de narrador, sobre o tempo e o espaço, isto é, sobre as diferentes formas que esses elementos podem se manifestar nos textos.

Observação: O conto *Pausa* traz um bom exemplo de como conduzir o leitor e criar uma expectativa que é rompida no final.

AULA 2

DURAÇÃO: 45 minutos (1h/a)

LEITURA: *Pausa*, de Moacyr Scliar.

UNIDADE 2: Pastoreio

AULA 3

DURAÇÃO: 45 minutos
(1h/a)

LEITURA: *O negrinho do pastoreio* (História recontada por Moacyr Scliar, com base no folclore gaúcho e na narrativa de Simões Lopes Neto)

ROTEIRO DA AULA

Etapa 1: Perguntar aos alunos se eles já ouviram falar sobre a lenda do negrinho do pastoreio. Os alunos certamente afirmarão que sim². Pedir que eles expliquem, um de cada vez, sobre o que trata a lenda.

Etapa 2: Anunciar aos alunos que será feita a leitura de uma versão da história contada por Moacyr Scliar (autor do conto que foi lido anteriormente). Entregar uma cópia impressa do texto para que os alunos façam uma leitura silenciosa.

Etapa 3: Diálogo sobre a história lida.

Etapa 4: Colocar no quadro as seguintes atividades sobre o texto e pedir para que os alunos respondam no caderno.

- Onde acontece a história?
- Quem são as personagens mencionadas?
- Identifique termos (palavras ou expressões) que são próprias da região Sul (regionalismo).
- Como era a vida do protagonista?
- Em que época se passa a história?

²Essa história é muito conhecida na região onde foram aplicadas estas atividades, pois faz parte do folclore regional gaúcho. No entanto, é provável que em outras regiões do país, os alunos sequer tenham ouvido falar sobre a história. Nesse caso, cabe ao professor buscar uma outra forma de introduzir a leitura. Uma sugestão é fazer uma sondagem breve com os alunos sobre o título do conto, explorando o vocábulo 'pastoreio' antes de fazer a leitura. Essa atividade poderá auxiliar os alunos a se situarem no contexto da obra.

ROTEIRO DA AULA

Etapa 1: Anunciar aos alunos que nessa aula será lida a versão de Simões Lopes Neto para a história do negrinho do pastoreio. Entregar o texto aos alunos e pedir que façam uma leitura silenciosa.

Etapa 2: Depois de realizada a leitura, os alunos deverão destacar no texto palavras e / ou expressões cujo significado eles não compreendam.

Etapa 3: Na sequência, anotar no quadro todas as palavras e / ou expressões mencionadas por eles.

Etapa 4: Dividir e organizar a turma em grupos. Os alunos deverão consultar dicionários (impressos e / ou online) para encontrar as palavras desconhecidas. Eles deverão copiar os verbetes e depois, em conjunto com o restante da turma, serão escritas as notas de rodapé que auxiliarão na compreensão do texto. Essa etapa poderá demorar mais do que o planejado, mas é necessário dar tempo aos alunos para que eles possam fazer a pesquisa e anotar os verbetes encontrados.

AULA 4**DURAÇÃO:** 90 minutos (2h/a)**LEITURA:** *O negrinho do pastoreio* (versão escrita por Simões Lopes Neto)**AULA 5****DURAÇÃO:** 90 minutos (2h/a)**LEITURA:** *O negrinho do pastoreio* (versão escrita por Simões Lopes Neto)**ROTEIRO DA AULA**

Etapa 1: Aula expositivo-dialogada. Os alunos deverão ler para a turma os verbetes que anotaram como resultado da pesquisa da aula anterior. Em conjunto, professora e alunos irão analisar e ver qual ou quais significados se encaixam mais com o texto lido.

ROTEIRO DA AULA

Etapa 1: Mostrar aos alunos a música Negrinho do Pastoreio, de Jayme Caetano Braun.

Etapa 2: Mostrar aos alunos vídeos³ sobre a vida de Simões Lopes Neto.

AULA 6

DURAÇÃO: 90 minutos (2h/a)

LEITURA: *O negrinho do pastoreio* (versão escrita por Simões Lopes Neto)

AULA 7

DURAÇÃO: 45 minutos (1h/a)

LEITURA: *O negrinho do pastoreio* (versão escrita por Simões Lopes Neto)

ROTEIRO DA AULA

Etapa 1: Nessa aula será realizada uma roda de conversa com os alunos para discutir questões relativas a forma como a escravidão é retratada no texto e o papel que ela tem na formação do estado do Rio do Grande do Sul. Será discutido o impacto que a história do negrinho do pastoreio tem ainda hoje na sociedade sul-rio-grandense.

AULA 8

DURAÇÃO: 90 minutos (2h/a)

LEITURA: *O dia em que explodiu Mabata-Bata*, de Mia Couto.

ROTEIRO DA AULA

Etapa 1: Antes de entregar o texto aos alunos, escrever o título do conto no quadro e perguntar o que eles pensam ser ‘Mabata-Bata’ e sobre o que eles acham que se trata o texto.

Etapa 2: Entregar as cópias e fazer uma leitura silenciosa com os alunos. Eles provavelmente estranharão muitas palavras no texto. Alertá-los para o fato de que a linguagem do texto se aproxima do português falado em Moçambique e que o vocabulário será trabalhado após a

³ Ver referências.

primeira leitura. Solicitar aos alunos que sublinhem no texto as palavras que eles desconhecerem.

Etapa 3: Comentar sobre o que os alunos responderam na primeira etapa, contrapor as expectativas com o que de fato trata o conto. Provavelmente os alunos farão comentários durante a leitura.

Etapa 4: Listar no quadro as palavras que são desconhecidas no texto e foram sublinhadas pelos alunos. É possível que eles perguntem o significado de determinadas palavras ainda na primeira leitura, a leitura silenciosa, mas não responda nesse primeiro momento: peça a eles que busquem os possíveis significados a partir do contexto e peça para sublinhar a palavra, pois o vocabulário será aprofundado na sequência.

Veja abaixo algumas das palavras que poderão ser indicadas pelos alunos. Poderá haver mais ou menos palavras, esta lista serve apenas de apoio ao docente.

- ❖ Balouçando;
- ❖ Régulo da chifraria;
- ❖ Prenda de lobolo;
- ❖ Despegava (neologismo);
- ❖ Cacimbo;
- ❖ Ndlati;
- ❖ Rotos;
- ❖ Djambalau;
- ❖ Micaias;
- ❖ Miúdo;
- ❖ Gajo;
- ❖ Chamboqueie

Etapa 5: Após o trabalho com o vocabulário desconhecido, fazer uma releitura do texto com os alunos.

Sugestão: Poderão ser realizadas dramatizações de trechos do texto pelos alunos, dando vida aos diálogos dos personagens.

AULA 9

DURAÇÃO: 90 minutos

(2h/a)

FILME: *O dia em que explodiu Mabata-Bata*, realização de Sol de Carvalho (adaptado do conto homônimo)

ROTEIRO DA AULA

Etapa 1: Mostrar aos alunos o filme *O dia em que morreu Mabata-Bata*.

AULA 10

DURAÇÃO: 45 minutos

(1h/a)

FILME: *O dia em que explodiu Mabata-Bata*, realização de Sol de Carvalho (adaptado do conto homônimo)

ROTEIRO DA AULA

Etapa 1: Perguntar aos alunos sobre as impressões que tiveram do filme visto na aula anterior. Pedir a eles que comentem semelhanças e diferenças entre o filme e o conto lido.

Etapa 2: Comentar com os alunos sobre a marca da oralidade presente no texto e como alguns elementos da linguagem nos permitem identificar que o enredo da história não se passa no Brasil, por exemplo. Traçar um paralelo entre os meninos, o negrinho do pastoreio e o narrador do conto do Mia, um menino que cuidava do gado no campo do tio. Refletir sobre diferenças e semelhanças entre os protagonistas.

Sugestão de atividades: Anexo A

Etapa 3: Pesquisar com os alunos sobre o contexto histórico do conto, a guerra civil moçambicana (1977-1992), a questão das minas terrestres e as marcas que a guerra deixou em Moçambique.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. *In*: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca, COSSON, Rildo. (Org.). Coleção explorando o ensino. Literatura. v. 20. Brasília, Ministério da Educação Secretária de Educação Básica, 2010, 204 p.

CONTOS GAUCHESCOS SIMÕES LOPES NETOS NAS TELAS 1 2. [s. l], [s. n]. 2013. 1 vídeo (8m 52s). Publicado por Paulo Cesar Estait Garcia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2BBWah1pUGU> Acesso em: 9 out. 2019.

CONTOS GAUCHESCOS SIMÕES LOPES NETOS NAS TELAS 2 2. [s. l], [s. n]. 2013. 1 vídeo (9m 45s). Publicado por Paulo Cesar Estait Garcia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2BBWah1pUGU> Acesso em: 9 out. 2019.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra**. São Paulo: Boa Companhia, 2013.

NETO, João Simões Lopes. **Contos gauchescos e lendas do Sul**. Porto Alegre: LP e M, 2011.

NEGRINHO DO PASTOREIO. Interpreté: Jayme Caetano Braun. [s. l], [s. n], 2014. 1 vídeo (5m2s). Publicado por Território livre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vcATb6uOyAs> Acesso em: 9 out. 2019.

O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA- BATA- MIA COUTO- COMPLETO. [s. l], [s. n].2018. 1 vídeo (52 m). Publicado por João Olinto Trindade Junior. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OkZS-D5zh9U&t=645s>. Acesso em 09 out. 2019.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. **Lições do Rio Grande - Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/ Secretaria de Estado da Educação**. Porto Alegre: SE/DP, 2009.

SCLIAR, Moacyr. O conto se apresenta. *In*: **Era uma vez um conto**. Companhia das Letrinhas. 2002.

Aí surge a escrita. Uma grande invenção, a escrita, você não concorda? Com a escrita, eu não existo mais somente como uma voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, que permitem que pessoas se comuniquem, mesmo à distância. E aquelas histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas – vão aparecer em forma de palavra escrita.

E é neste momento que eu tenho uma grande ideia. Uma inspiração, vamos dizer assim. Você sabe o que é inspiração? Inspiração é aquela descoberta que a gente faz de repente, de repente tem uma ideia muito boa. A inspiração não vem de fora, não; não é uma coisa misteriosa que entra na nossa cabeça. A boa ideia já estava dentro de nós; só que a gente não sabia. A gente tem muitas boas ideias, pode crer.

E então, com aquela boa ideia, chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial – com um pedido:

– Escreva uma história.

Num primeiro momento, ele fica surpreso, assim como você ficou. Na verdade, ele já havia pensado nisso, em escrever uma história. Mas tinha dúvidas: ele, escrever uma história? Como aquelas histórias que todas as pessoas contavam e que vinham de um passado? Ele, escrever uma história? E assinar seu próprio nome? Será que pode fazer isso? Dou força:

– Vá em frente, cara. Escreva uma história. Você vai gostar de escrever. E as pessoas vão gostar de ler.

Então ele senta, e escreve uma história. É uma história sobre uma criança, uma história muito bonita. Ele lê o que escreveu. Nota que algumas coisas não ficaram muito bem. Então escreve de novo. E de novo. E mais uma vez. E aí, sim, ele gosta do que escreveu. Mostra para outras pessoas, para os amigos, para a namorada. Todos gostam, todos se emocionam com a história.

E eu vou em frente. Procuro uma moça muito delicada, muito sensível. Mesma coisa:

– Escreva uma história.

Ela escreve. E assim vão surgindo escritores. Os contos deles aparecem em jornais, em revistas, em livros.

Já não são histórias sobre deuses, sobre criaturas fantásticas. Não, são histórias sobre gente comum – porque as histórias sobre as pessoas comuns muitas vezes são mais interessantes do que histórias sobre deuses e criaturas fantásticas: até porque deuses e criaturas fantásticas podem ser inventados por qualquer pessoa. O mundo da nossa imaginação é muito grande. Mas a nossa vida, a vida de cada dia, está cheia de emoções. E onde há emoção, pode haver conto. Onde há gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir ideias, existem escritores.

SCLIAR, Moacir. **Era uma vez um conto** Literatura em minha casa. São Paulo: Companhia das Letrinhas, pp. 5-9. Coleção

ANEXO C- Pausa

"Às sete horas o despertador tocou. Samuel saltou da cama, correu para o banheiro, fez a barba e lavou-se. Vestiu-se rapidamente e sem ruído. Estava na cozinha, preparando sanduíches, quando a mulher apareceu, bocejando:

—Vais sair de novo, Samuel?

Fez que sim com a cabeça. Embora jovem, tinha a fronte calva; mas as sobrancelhas eram espessas, a barba, embora recém-feita, deixava ainda no rosto uma sombra azulada. O conjunto era uma máscara escura.

— Todos os domingos tu saís cedo — observou a mulher com azedume na voz.

— Temos muito trabalho no escritório — disse o marido, secamente.

Ela olhou os sanduíches:

— Por que não vens almoçar?

— Já te disse: muito trabalho. Não há tempo. Levo um lanche.

A mulher coçava a axila esquerda. Antes que voltasse à carga, Samuel pegou o chapéu:

— Volto de noite.

As ruas ainda estavam úmidas de cerração. Samuel tirou o carro da garagem. Guiava vagarosamente, ao longo do cais, olhando os guindastes, as barcaças atracadas. Estacionou o carro numa travessa quieta. Com o pacote de sanduíches debaixo do braço, caminhou apressadamente duas quadras. Deteve-se ao chegar a um hotel pequeno e sujo. Olhou para os lados e entrou furtivamente. Bateu com as chaves do carro no balcão, acordando um homenzinho que dormia sentado numa poltrona rasgada. Era o gerente. Esfregando os olhos, pôs-se de pé.

— Ah! Seu Isidoro! Chegou mais cedo hoje. Friozinho bom este, não é? A gente..

— Estou com pressa, seu Raul! — atalhou Samuel.

— Está bem, não vou atrapalhar. O de sempre. — Estendeu a chave.

Samuel subiu quatro lanços de uma escada vacilante.

Ao chegar ao último andar, duas mulheres gordas, de chambre floreado, olharam-no com curiosidade:

— Aqui, meu bem! — uma gritou, e riu: um cacarejo curto.

Ofegante, Samuel entrou no quarto e fechou a porta à chave.

Era um aposento pequeno: uma cama de casal, um guarda-roupa de pinho; a um canto, uma bacia cheia d'água, sobre um tripé. Samuel correu as cortinas esfarrapadas, tirou do bolso um despertador de viagem, deu corda e colocou-o na mesinha de cabeceira.

Puxou a colcha e examinou os lençóis com o cenho franzido; com um suspiro, tirou o casaco e os sapatos, afrouxou a gravata. Sentadona cama, comeu vorazmente quatro sanduíches. Limpou os dedos no

Papel de embrulho, deitou-se e fechou os olhos.

Dormiu.

Em pouco, dormia. Lá embaixo, a cidade começava a mover-se: os automóveis buzinando, os jornalheiros gritando, os sons longínquos.

Um raio de sol filtrou-se pela cortina, estampou um círculo luminoso no chão carcomido. Samuel dormia; sonhava. Nu, corria por uma planície imensa, perseguido por índio montado a cavalo. No quarto abafado ressoava o galope. No planalto da testa, nas colinas do ventre, no vale entre as pernas, corriam.

Samuel mexia-se e resmungava. Às duas e meia da tarde sentiu uma dor lancinante nas costas. Sentou-se na cama, os olhos esbugalhados: o índio acabava de trespassá-lo com a lança. Esvaindo-se em sangue, molhado de suor, Samuel tombou lentamente; ouviu o apito noturno de um vapor. Depois, silêncio.

Às sete horas o despertador tocou. Samuel saltou da cama, correu para a bacia, lavou-se. Vestiu-se rapidamente e saiu.

Sentado numa poltrona, o gerente lia uma revista.

— Já vai, seu Isidoro?

— Já — disse Samuel, entregando a chave. Pagou, conferiu o troco em silêncio.

— Até domingo que vem, seu Isidoro — disse o gerente.

—Não sei se virei—respondeu Samuel, olhando pela porta; a noite caía.

— O senhor diz isto, mas volta sempre — observou o homem, rindo.

Samuel saiu.

Ao longo do cais, guiava lentamente. Parou, um instante, ficou olhando os guindastes recortados contra o céu avermelhado. Depois, seguiu para casa.

SCLIAR, Moacyr. In: BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cutrix, 1997

ANEXO D - O negrinho do pastoreio

NAQUELE TEMPO os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas; somente nas volteadas se apanhava a gadaria xucra e os veados e as avestruzes corriam sem empecilhos...

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias doblas e mais muita prataria; porém era muito cauíla e muito mau, muito.

Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas.

Mas também quando tinha serviço na estância, ninguém vinha de vontade dar-lhe um auxílio; e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com ele, porque o homem só dava para comer um churrasco de tourito magro, farinha grossa e erva-caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somiticaria e choradeira, que parecia que era o seu próprio couro que ele estava lonqueando...

Só para três viventes ele olhava nos olhos: era para o filho, menino cargoso como uma mosca, para um baio cabos-negros, que era o seu parreheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam somente o — Negrinho.

A este não deram padrinhos nem nome; por isso o Negrinho se dizia afillhado da Virgem, Senhora Nossa, que é a madrinha de quem não a tem.

Todas as madrugadas o Negrinho galopeava o parreheiro baio; depois conduzia os avios do chimarrão e à tarde sofria os maus tratos do menino, que o judiava e se ria.

Um dia, depois de muitas negaças, o estancieiro atou carreira com um seu vizinho. Este queria que a parada fosse para os pobres; o outro que não, que não! que a parada devia ser do dono do cavalo que ganhasse. E trataram: o tiro era trinta quadras, a parada, mil onças de ouro.

No dia aprazado, na cancha da carreira havia gente como em festa de santo grande.

Entre os dois parreheiros, a gauchada não sabia se decidir, tão perfeito era e bem lançado cada um dos animais. Do baio era fama que quando corria, corria tanto, que o vento assobiava-lhe nas crinas; tanto, que só se ouvia o barulho, mas não lhe viam as patas baterem no chão... E do mouro era voz que quanto mais cancha, mais aguenta e que desde a largada ele ia ser como um laço que se arrebeta...

As parcerias abriram as guaiacas, e aí no mais já se apostavam aperos contra rebanhos e redomões contra lenços.

—Pelo baio! Luz e doble!...

—Pelo mouro! Doble e luz!...

Os corredores fizeram as suas partidas à vontade e depois as obrigadas; e quando foi na última, fizeram ambos a sua senha e se convidaram. E amagando o corpo, de rebenque no ar, largaram, os parceiros meneando cascos, que parecia uma tormenta...

— Empate! Empate! — gritavam os aficionados ao longo da cancha por onde passava a parelha veloz, compassada como numa colhera.

— Valha-me a Virgem madrinha, Nossa Senhora! — gemia o Negrinho. — Se o sete léguas perde, o meu senhor me mata! hip! hip! hip!...

E baixava o rebenque, cobrindo a marca do baio.

— Se o corta-vento ganhar é só para os pobres!... retrucava o outro corredor. Hip! hip!

E cerrava as esporas no mouro.

Mas os fletos corriam, compassados como numa colhera, Quando foi na última quadra, o mouro vinha arrematado e o baio vinha aos tirões... mas sempre juntos, sempre emparelhados.

E a duas braças da raia, quase em cima do laço, o baio assentou de supetão, pôs-se em pé e fez uma caravolta, de modo que deu ao mouro tempo mais que preciso para passar, ganhando de luz aberta! E o Negrinho, de em pêlo, agarrou-se como um ginetão.

— Foi mau jogo! — gritava o estancieiro.

— Mau jogo! — secundavam os outros da sua parceria.

A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; mais de um torena coçou o punho da adaga, mais de um desapresilhou a pistola, mais de um virou as esporas para o peito do pé... Mas o juiz, que era um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiaraju, era um juiz macanudo, que já tinha visto muito mundo. Abanando a cabeça branca sentenciou, para todos ouvirem:

— Foi na lei! A carreira é de parada morta; perdeu o cavalo baio, ganhou o cavalo mouro, Quem perdeu, que pague. Eu perdi cem gateadas; quem as ganhou venha buscá-las.

Foi na lei!

Não havia o que alegar. Despeitado e furioso, o estancieiro pagou a parada, à vista de todos, atirando as mil onças de ouro sobre o poncho do seu contrário, estendido no chão.

E foi um alegrão por aqueles pagos, porque logo o ganhador mandou distribuir tambeiros e leiteiras, côvados de baeta e haguais e deu o resto, de mota, ao pobrerio. Depois as carreiras seguiram com os changeiritos que havia.

O estancieiro retirou-se para a sua casa e veio pensando, pensando calado, em todo o caminho. A cara dele vinha lisa, mas o coração vinha corcoveando como touro de banhado laçado a meia espalda... O trompaço das mil onças tinha-lhe arrebatado a alma.

E conforme apeou-se, da mesma vereda mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

Na madrugada saiu com ele e quando chegou no alto da coxilha falou assim:

— Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste: trinta dias ficarás aqui pastoreando a minha tropilha de trinta tordilhos negros... O baio fica de piquete na sogá e tu ficarás de estaca!

O Negrinho começou a chorar, enquanto os cavalos iam pastando.

Veio o sol, veio o vento, veio a chuva, veio a noite. O Negrinho, varado de fome e já sem força nas mãos, enleou a sogá num pulso e deitou-se encostado a um cupim.

Vieram então as corujas e fizeram roda, voando, paradas no ar, e todas olhavam-no com os olhos reluzentes, amarelos na escuridão. E uma piou e todas piaram, como rindo-se dele, paradas no ar, sem barulho nas asas.

O Negrinho tremia, de medo... porém de repente pensou na sua madrinha Nossa Senhora e sossegou e dormiu.

E dormiu. Era já tarde da noite, iam passando as estrelas; o Cruzeiro apareceu, subiu e passou; passaram as Três-Marias: a estrela-d'alva subiu... Então vieram os guaraxains ladrões e farejaram o Negrinho e cortaram a guasca da soga. O baio sentindo-se solto rufou a galope, e toda a tropilha com ele, escaramuçando no escuro e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho; os guaraxains fugiram, dando berros de escárnio.

Os galos estavam cantando, mas nem o céu nem as barras do dia se enxergava: era a cerração que tapava tudo.

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.

O menino maleva foi lá e veio dizer ao pai que os cavalos não estavam. O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

E quando era já noite fechada ordenou-lhe que fosse campear o perdido. Rengueando, chorando e gemendo, o Negrinho pensou na sua madrinha Nossa Senhora e foi ao oratório da casa, tomou o coto de vela acesa em frente da imagem e saiu para o campo.

Por coxilhas e canhadas, na beira dos lagoões, nos paradeiros e nas restingas, por onde o Negrinho ia passando, a vela benta ia pingando cera no chão; e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo. O gado ficou deitado, os touros não escarvaram a terra e as manadas xucras não dispararam... Quando os galos estavam cantando, como na véspera, os cavalos relincharam todos juntos. O Negrinho montou no baio e tocou por diante a tropilha, até a coxilha que o seu senhor lhe marcara.

E assim o Negrinho achou o pastoreio. E se riu...

Gemendo, gemendo, o Negrinho deitou-se encostado ao cupim e no mesmo instante apagaram-se as luzes todas; e sonhando com a Virgem, sua madrinha, o Negrinho dormiu. E não apareceram nem as corujas agoueiradas nem os guaraxains ladrões; porém pior do que os bichos maus, ao clarear o dia veio o menino, filho do estancieiro e enxotou os cavalos, que se dispersaram, disparando campo fora, retouçando e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho e o menino maleva foi dizer ao seu pai que os cavalos não estavam lá...

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou...

O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos, a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho... dar-lhe até ele não mais chorar nem bulir, com as carnes recortadas, o sangue vivo escorrendo do corpo... O Negrinho chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa, deu um suspiro triste, que chorou no ar como uma música, e pareceu que morreu...

E como já era noite e para não gastar a enxada em fazer uma cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, que era para as formigas devorarem-lhe a carne e o sangue e os ossos... E assanhou bem as formigas, e quando

elas, raivasas, cobriam todo o corpo do Negrinho e começaram a trincá-la é que então ele se foi embora, sem olhar para trás.

Nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro... e que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno...

Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas.

Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto. E três dias houve cerração forte, e três noites o estancieiro teve o mesmo sonho.

A peonada bateu o campo, porém ninguém achou a tropilha e nem rastro.

Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do escravo.

Qual não foi o seu grande espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto a tropilha dos trinta tordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo.

E o Negrinho, sarado e risonho, pulando de em pêlo e sem rédeas; no baio, chupou o beijo e tocou a tropilha a galope.

E assim o Negrinho pela última vez achou o pastoreio. E não. chorou, e nem se riu.

Correu no vizindário a nova do fadário e da triste morte do Negrinho, devorado na panela do formigueiro.

Porém logo, de perto e de longe, de todos os rumos do vento, começaram a vir notícias de um caso que parecia um milagre novo...

E era, que os posteiros e os andantes, os que dormiam sob as palhas dos ranchos e os que dormiam na cama das macegas, os chasques que cortavam por atalhos e os tropeiros que vinham pelas estradas, mascates e carreteiros, todos davam notícia — da mesma hora — de ter visto passar, como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocada por um Negrinho, gineteando de em pêlo, em um cavalo baio!...

Então, muitos acenderam velas e rezaram o Pai-nosso pela alma do judiado. Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma cousa, o que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela, cuja luz ele levava para pagar a do altar da sua madrinha, a Virgem, Nossa Senhora, que o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver.

Todos os anos, durante três dias, o Negrinho, desaparece: está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita às formigas, suas amigas; a sua tropilha esparrama-se, e um aqui, outro por. lá, os seus cavalos retouçam nas manadas das estâncias. Mas ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete; o Negrinho monta-o e vai fazer a sua recolhida; é quando nas estâncias acontece a disparada das cavalhadas e a gente olha, olha, e não vê ninguém, nem na ponta, nem na culatra.

Desde então e ainda hoje, conduzindo o seu pastoreio, o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restingas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as coxilhas e desce às canhadas.

O Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos, pondo-os de jeito a serem achados pelos seus donos, quando estes acendem um coto de vela, cuja luz ele leva para o altar da Virgem Senhora Nossa, madrinha dos que não a têm.

Quem perder suas prendas no campo, guarde esperança: junto de algum moirão ou sob os ramos das árvores, acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo

—Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi!...
Se ele não achar... ninguém mais.

NETO, João Simões Lopes. **Contos gauchescos e lendas do Sul**. Porto Alegre: LPM, 2011.

ANEXO E - O dia em que explodiu Mabata-bata

De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento.

O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor. Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifraria, e estava destinado como prenda de lobolo do tio Raul, dono da criação. Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo das primeiras horas.

Olhou a desgraça: o boi poeirado, eco de silêncio, sombra de nada.

“*Deve ser foi um relâmpago*”, pensou.

Mas relâmpago não podia. O céu estava liso, azul sem mancha. De onde saíra o raio? Ou foi a terra que relampejou?

Interrogou o horizonte, por cima das árvores. Talvez o ndlati, a ave do relâmpago, ainda rodasse os céus. Apontou os olhos na montanha em frente. A morada do ndlati era ali, onde se juntam os todos rios para nascerem da mesma vontade da água. O ndlati vive nas suas quatro cores escondidas e só se destapa quando as nuvens rugem na rouquidão do céu. É então que o ndlati sobe aos céus, enlouquecido. Nas alturas se veste de chamas, e lança o seu voa incendiado sobre os seres da terra. Às vezes atira-se no chão, buracando-o. Fica na cova e aí deita a sua urina.

Uma vez foi preciso chamar as ciências do velho feiticeiro para escavar aquele ninho e retirar os ácidos depósitos. Talvez o Mabata-bata pisara uma réstia maligna do ndlati. Mas quem podia acreditar? O tio, não. Havia de querer ver o boi falecido, ao menos ser apresentado uma prova do desastre. Já conhecia bois relampejados: ficavam corpos queimados, cinzas arrumadas a lembrar o corpo. O fogo mastiga, não engole de uma só vez, conforme sucedeu-se.

Reparou em volta: os outros bois, assustados, espalharam-se pelo mato. O medo escorregou dos olhos do pequeno pastor.

— *Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres.*

A ameaça do tio soprava-lhe os ouvidos. Aquela angústia comia-lhe o ar todo. Que podia fazer? Os pensamentos corriam-lhe como sombras mas não encontravam saída. Havia uma só solução: era fugir, tentar os caminhos onde não sabia mais nada. Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele

não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com os animais: nadar o rio na boleia do rabo do Mabata-bata, apostar nas brigas dos mais fortes. Em casa, o tio adivinhava-lhe o futuro:

— *Este, da maneira que vive misturado com a criação, há-de casar com uma vaca.*

E todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados. Por isso, olhou sem pena para o campo que ia deixar. Calculou o dentro do seu saco: uma fiska, frutos do djambalau, um canivete enferrujado. Tão pouco não pode deixar saudade. Partiu na direcção do rio. Sentia que não fugia: estava apenas a começar o seu caminho. Quando chegou ao rio, atravessou a fronteira da água. Na outra margem parou à espera nem sabia de quê.

Ao fim da tarde a avó Carolina esperava Raul à porta de casa. Quando chegou ela disparou aflição:

— *Essas horas e o Azarias ainda não chegou com os bois.*

— *O quê? Esse malandro vai apanhar muito bem, quando chegar.*

— *Não é que aconteceu uma coisa, Raul? Tenho medo, esses bandidos...*

— *Aconteceu brincadeiras dele, mais nada.*

Sentaram na esteira e jantaram. Falaram das coisas do lobolo, preparação do casamento. De repente, alguém bateu à porta. Raul levantou-se interrogando os olhos da avó Carolina. Abriu a porta: eram os soldados, três.

— *Boa noite, precisam alguma coisa?*

— *Boa noite. Vimos comunicar o acontecimento: rebentou uma mina esta tarde.*

Foi um boi que pisou. Agora, esse boi pertencia daqui.

Outro soldado acrescentou:

— *Queremos saber onde está o pastor dele.*

— *O pastor estamos à espera* — respondeu Raul. E vociferou: — *Malditos bandos!*

— *Quando chegar queremos falar com ele, saber como foi sucedido. É bom ninguém sair na parte da montanha. Os bandidos andaram espalhar minas nesse lado.*

Despediram. Raul ficou, rodando à volta das suas perguntas. Esse sacana do Azarias onde foi? E os outros bois andariam espalhados por aí?

— *Avó: eu não posso ficar assim. Tenho que ir ver onde está esse malandro. Deve ser talvez deixou a manada fugentar-se. É preciso juntar os bois enquanto é cedo.*

— *Não podes, Raul. Olha os soldados o que disseram. É perigoso.*

Mas ele desouviu e meteu-se pela noite. Mato tem subúrbio? Tem: é onde o Azarias conduzia os animais. Raul, rasgando-se nas micaias, aceitou a ciência do miúdo. Ninguém competia com ele na sabedoria da terra. Calculou que o pequeno pastor escolhera refugiar-se no vale.

Chegou ao rio e subiu às grandes pedras. A voz superior, ordenou:

— *Azarias, volta. Azarias!*

Só o rio respondia, desenterrando a sua voz corredeira. Nada em toda à volta. Mas ele adivinhava a presença oculta do sobrinho.

— *Apareça lá, não tenhas medo. Não vou-te bater, juro.*

Jurava mentiras. Não ia bater: ia matar-lhe de porrada, quando acabasse de juntar os bois. No enquanto escolheu sentar, estátua de escuro. Os olhos, habituados à penumbra desembarcaram na outra margem. De repente, escutou passos no mato. Ficou alerta.

— *Azarias?*

Não era. Chegou-lhe a voz de Carolina.

— *Sou eu, Raul.*

Maldita velha, que vinha ali fazer? Trapalhar só. Ainda pisava na mina, rebentava-se e, pior, estoirava com ele também.

— *Volta em casa, avó!*

— *O Azarias vai negar de ouvir quando chamares. A mim, há-de ouvir.*

E aplicou sua confiança, chamando o pastor. Por trás das sombras, uma silhueta deu aparecimento.

— *És tu, Azarias. Volta comigo, vamos para casa.*

— *Não quero, vou fugir.*

O Raul foi descendo, gatinhoso, pronto para saltar e agarrar as goelas do sobrinho.

— *Vais fugir para onde, meu filho?*

— *Não tenho onde, avó.*

— *Esse gajo vai voltar nem que eu lhe chamboqueie até partir-se dos bocados* — precipitou-se a voz rasteira de Raul.

— *Cala-te, Raul. Na tua vida nem sabes da miséria.* — E voltando-se para o pastor: — *Anda, meu filho, só vens comigo. Não tens culpa do boi que morreu. Anda ajudar o teu tio juntar animais.*

— *Não é preciso. Os bois estão aqui, perto comigo.*

Raul ergueu-se, desconfiado. O coração batucava-lhe o peito.

— *Como é? Os bois estão aí?*

— *Sim, estão.*

Enroscou-se o silêncio. O tio não estava certo da verdade do Azarias.

— *Sobrinho: fizeste mesmo? Juntaste os bois?*

A avó sorria pensando no fim das brigas daqueles os dois. Prometeu um prêmio e pediu ao miúdo que escolhesse.

— *O teu tio está muito satisfeito. Escolhe. Há-de respeitar o teu pedido.*

Raul achou melhor concordar com tudo, naquele momento. Depois, emendaria as ilusões do rapaz e voltariam as obrigações do serviço das pastagens.

— *Fala lá o seu pedido.*

— *Tio: próximo ano posso ir na escola?*

Já adivinhava. Nem pensar. Autorizar a escola era ficar sem guia para os bois. Mas o momento pedia fingimento e ele falou de costas para o pensamento:

— *Vais, vais.*

— *É verdade, tio?*

— *Quantas bocas tenho, afinal?*

— *Posso continuar ajudar nos bois. A escola só frequentamos da parte de tarde.*

— *Está certo. Mas tudo isso falamos depois. Anda lá daqui.*

O pequeno pastor saiu da sombra e correu o areal onde o rio dava passagem. De súbito, deflagrou um clarão, parecia o meio-dia da noite.

O pequeno pastor engoliu aquele todo vermelho, era o grito do fogo estourando. Nas migalhas da noite viu descer o ndlati, a ave do relâmpago. Quis gritar:

— *Vens pousar quem, ndlati?*

Mas nada não falou. Não era o rio que afundava suas palavras: era um fruto vazando de ouvidos, dores e cores. Em volta tudo fechava, mesmo o rio suicidava sua água, o mundo embrulhava o chão nos fumos brancos.

— *Vens pousar a avó, coitada, tão boa? Ou preferes no tio, afinal das contas, arrependido e prometente como o pai verdadeiro que morreu-me?*

E antes que a ave do fogo se decidisse, Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama.

COUTO, Mia. A menina sem palavra. **Histórias de Mia Couto**. 1. ed. São Paulo: Boa Companhia, 2013.

